

Em Tempo. Ou um tempo atrasado? Ainda há tempo?

Rosa Maria Godoy Silveira

Professora do Departamento
de **História** da UFPB

Uma questão avassaladora em meio a esta pandemia é o silêncio de muitos professores universitários diante da situação do país – e, mais especificamente, das Políticas de Saúde (ou da falta de) do atual governo. Ressalve-se que todas as pessoas se recolheram aos seus espaços privados para cuidar de suas famílias e delas próprias. Muitas delas, para além do já dito, tiveram de cuidar dos seus mortos, que já somam mais de 520 mil brasileiros.

No entanto, boa parte teve – ou poderia ter tido – tempo para refletir sobre os acontecimentos que nos castigam durante nos últimos 18 meses. Alguns professores o fizeram, e ainda o fazem, socializando suas reflexões e ações por meio das redes sociais, que acompanho religiosa e diariamente, em especial no que se refere à UFPB.

Muitos outros – e avalio que seja a maioria – têm se omitido. Permanecem no mais absoluto silêncio, no seu olímpico individualismo, “esquecendo-se” de sua função social e de que são mantidos pelos recursos públicos, sejam os que ainda estão na ativa, sejam os que já cumpriram o seu tempo de trabalho (recuso-me ao uso da palavra inativo, pelo acinte que representa para aqueles que se dedicaram arduamente ao seu exercício profissional e que ainda seguem na batalha, mesmo formalmente aposentados).



A questão da ausência dos professores universitários na cena pública do país é temporalmente mais ampla do que a atual conjuntura. Muitos abandonaram o barco quando a dita “pós-modernidade” globalista (olá, Boaventura Santos) impôs sua hegemonia, acomodando-se ao sistema e a certas facilidades imediatistas. Perderam seu espírito crítico, que constitui, por excelência, o cerne do significado de UNIVERSIDADE.

Houve quem preferiu – e ainda prefira – navegar nas águas pretensamente mansas da corrente triunfante, sob as mais diversas expectativas e interesses, nem sempre edificantes. Não é nada construtivo, por exemplo, quando – seja por elitismo, individualismo, carreirismo ou preconceitos de toda ordem – apoiam governantes cujo plano é conduzir o país a uma nova ditadura, para isso se valendo de todos os meios possíveis, sendo o genocídio o mais extremo deles.

CONTINUA NA PÁGINA 2

**Doce ilusão daqueles que se agarram aos governos
de plantão achando que vão se dar bem no Paraíso
terreno, aferrando-se ao não movimento, ao tempo
que se conserva estático, que é a visão do poder.**

Esse processo vem ocorrendo com maior visibilidade há um bom tempo, entre três e cinco décadas. Eis, agora, que tal processo se precipita de maneira inusitada.

A pandemia acelera o tempo histórico e põe em ebulição, como um solo que se abre e expõe as suas camadas subterrâneas, os horrores de uma sociedade multisecularmente desigual, de exploração de seres humanos por “seres humanos”. Que há muito ali estivera e nunca deixara de estar. E que, apesar de estarmos enfrentando um desafio global – não só de determinados grupos ou classes sociais ou países –, um desafio sobre a nossa própria Humanidade, ainda assim, ou exatamente por isso, expõe as suas podres vísceras de ódio, preconceitos, supremacismos, etnocentrismos, reiteraões de uma dita humanidade que não aprendeu o que é, efetivamente, Humanidade.

E os professores universitários, onde estão diante de todo este vórtice?

Chamá-los de intelectuais? De doutores? O que fazem do seu conhecimento? Aliás, que conhecimento é esse? Serve apenas para a sua titulação, para o seu carreirismo, para exercer carguinhos de submissão a ditadores de plantão?

A pandemia nos ensina outra lição. Dolorida, especialmente, para quem é das ditas Ciências Humanas – outra nomenclatura absolutamente inadequada, pois que todas as ciências, artes, literaturas, tecnologias, enfim, são humanas.

Nesta pandemia, os profissionais da Saúde, em toda a sua abrangência, instados por compro-

metimento social ou pelas circunstâncias da conjuntura, estão dando um “banho” nas demais áreas do conhecimento. Mais “lavada” do que o 7 x1 que levamos da Alemanha. E por quê? Se todos nós, professores universitários de todas as áreas do conhecimento, tratamos da vida – da vida humana –, o pessoal da Saúde (e estou dizendo o óbvio) trata da vida mais premente, da vida imediata, da vida urgente.

Professores universitários – usei o plural genérico masculino, mas estou falando aos Senhores e Senhoras.

Doce ilusão daqueles que se agarram aos governos de plantão achando que vão se dar bem no Paraíso terreno, aferrando-se ao não movimento, ao tempo que se conserva estático, que é a visão do poder. Leiam Göethe e o pacto com o diabo. Doce ilusão daqueles que acham que sua omissão ou silêncio, também o não-movimento, vai levá-los ao Paraíso (talvez extraterreno?). O vórtice está nos enredando a todos. AGORA.

Se me está sendo doída – mas gratificante – a lição que tenho aprendido com o pessoal da Saúde, a cada dia, no entanto, reitero a minha profissão de ofício: a História. E ela é implacável. Como a turma das redes sociais coloca: a vida não dá volta, dá cambalhota. Quem considera que está a salvo (porque silencia ou porque se alia a poderes espúrios) e continua achando, negacionisticamente, que a Terra é imóvel (leia Galileu) ou é plana (outro negacionismo atual), poderia começar a entender, a partir da sua própria vida pessoal, que a História é Tempo, Tempo Social em movimento. Portanto, é a Vida.